



UFPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DÉBORAH MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NOS
LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE LAGOA
DOS GATOS-PE**

**CARUARU
2023**

DÉBORAH MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NOS
LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE LAGOA
DOS GATOS-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal de Pernambuco (CAA), para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Janssen Felipe da Silva

CARUARU
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Déborah Maria da.

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL
DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE LAGOA DOS GATOS-PE / Déborah
Maria da Silva. - Caruaru, 2023.

41

Orientador(a): Janssen Felipe da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Pedagogia - Licenciatura, 2023.

1. Relações Étnico-raciais. 2. Livro Didático. 3. Mulheres Negras . 4. Estudos
Pós-Coloniais . I. Silva, Janssen Felipe da. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

DÉBORAH MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NOS
LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE LAGOA
DOS GATOS-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela
Banca Examinadora apresentada ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal
de Pernambuco (CAA), para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 02/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Janssen Felipe da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Isaías da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Andreza Alves da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

CARUARU
2023

Dedico esse trabalho a duas pessoas que se fizeram presentes em meu pensamento durante todo processo de construção dessa pesquisa. Meu Avô, Antônio Soares (em memória), que sempre sonhou em ver-me aqui.

E a minha sobrinha, Maria Elisa, para que venha a ter Livros Didáticos que auxiliem verdadeiramente na sua construção de Identidade, como Menina e Mulher Negra.

AGRADECIMENTOS

De maneira inicial, agradeço a Deus e Nossa Senhora das Graças, por serem meus guias espirituais e minha força!

Agradeço ao Professor e Orientador Janssen Felipe, que desde os primeiros debates em sala de aula, plantou sementes de um Pensamento de Educação Decolonial, que orientou e acreditou em todo meu processo de escrita desse projeto.

Agradeço a Minha mãe, mãe solo, mulher de força, agricultora, feirante semianalfabeta, por lutar, insistir e resistir para proporcionar uma educação de qualidade, para suas duas filhas, ambas pedagogas formadas pela Universidade Federal de Pernambuco - Campus CAA.

Pela terceira geração de professoras da minha família, Minha Avó, minha tia Aparecida minha Irmã. Que sempre me incentivaram a permanecer na luta por uma equidade social através da educação.

Ao meu esposo, Yury Beserra, que foi meu grande incentivador, desde meu ingresso a Universidade. Grande companheiro e dono de uma paciência sem igual, torceu, pensou e reformulou trabalhos, me ajudou pensar e repensar conceitos e sempre esteve ao meu lado.

A minha irmã, Deizyane. Que releu por diversas vezes meu projeto e tantos outros trabalhos, que acompanhou minhas notas, ouviu meus dilemas e sempre esteve comigo.

Ao meu Avô, Antônio Soares, militante do Movimento Sem Terra (MST), que sempre incentivou os estudos de todos os netos e me mostrou que através da educação podemos derrubar muros e construir verdadeiras pontes para um País com mais equidade.

A minha amiga e primeira patroa na rede de ensino, Dayse Soares, a qual me abriu as portas da educação e promoveu meu encontro real com a educação, no mesmo espaço onde me alfabetizei, a Escola Parque Nossa Senhora das Graças.

Aos meus companheiros fiéis de jornada, Geyze, Helida, Luiza e Jandeilson, que dividiram absolutamente todos os trabalhos, sonhos e conquistas em todo percurso acadêmico que se tornaram amigos fiéis e inseparáveis para além da Universidade.

RESUMO

Esse Trabalho aborda a Representação Imagética das Mulheres Negras nos Livros Didáticos de História e Geografia, do Ensino Fundamental da Cidade de Lagoa dos Gatos – PE. Apresenta como Objetivo Geral, compreender o sentido atribuído as Mulheres Negra nos Livros Didáticos de História e Geografia, do Ensino Fundamental do PNLD-2022. Os Objetivos Específicos são: a) Identificar as Imagens das Mulheres Negras nos Livros Didáticos e b) Elencar os papéis e locais onde elas são direcionadas. A abordagem Teórica centra-se nos Estudos Pós-Coloniais (QUIJANO, 2005) que colocam o modelo teórico eurocêntrico em questão bem como suas narrativas, e uma educação voltada para as relações Étnico-raciais (OLIVEIRA E CANDAU, 2010, BATISTA, 2010) que discutem a Educação Intercultural e a Pedagogia Decolonial. Para o desenvolvimento deste trabalho se fez o uso da pesquisa documental, segundo Oliveira (2007, p.69). Nessa perspectiva, observamos o Livro Didático como esse documento passível a análise. Utilizamos como fonte documental os Livros Didáticos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais: Buriti Mais História, 5º Ano e Buriti Mais Geografia, 5º Ano, 1º Edição, analisados e selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2022). Os resultados apontam 24 Imagens que representam a mulher Negra uma vez que os lugares e os papéis da Cultura Negra presente nos livros didáticos se constituem na perspectiva de tensão em relação da Colonialidade e da Decolonialidade.

Palavras chave: Relações Étnico-raciais; Livro Didático; Mulheres Negras; Estudos Pós-Coloniais.

ABSTRACT

This work approaches the Imagery Representation of Black Women in History and Geography Textbooks, of Elementary School in the City of Lagoa dos Gatos - PE. It presents as a general objective To understand the meaning attributed to Black people in the PNLD-2022 Primary School History and Geography Textbooks. And the Specific Objectives are: a) Identifying the Images of Black Women in Textbooks b) Listing the roles and places where they were directed. The Theoretical approach focuses on Postcolonial Studies (QUIJANO, 2005) which question the Eurocentric theoretical model as well as its narratives, and an education focused on Ethnic-racial relations (OLIVEIRA E CANDAU, 2010, BATISTA, 2010) that discuss education as a space for transformation and construction of decoloniality. For the development of this work was used the documentary research, which according to Oliveira (2007, p.69. From this perspective, we observed the Textbook as this document that can be analyzed. We used as a documentary source the Elementary School Textbooks - Ensino Fundamental – Anos Iniciais: Buriti Mais História, 5º Ano e Buriti Mais Geografia, 5º Ano, 1ª Edição, analyzed and selected by Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2022). The results point to 24 Images that represent the Black women, once the places and roles of the Black Culture present in the textbooks are constituted in the perspective of tension in relation to Coloniality and Decoloniality.

Keywords: Ethnic-Racial Relations; Textbook; Black Women; Postcolonial Studies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS NA PERSPECTIVA DA MULHER NEGRA.....	12
2.2	EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	12
2.3	IDENTIDADE E IDENTIDADE DA MULHER NEGRA.....	16
2.4	O LIVRO DIDÁTICO COMO MATERIAL HISTÓRICO E POLÍTICO.....	18
3	PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	21
4	DIALOGANDO ENTRE OS DADOS COLETADOS E AS DISCUSSÕES TEÓRICAS.....	23
4.1	CATEGORIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DAS IMAGENS REFERENTES AOS PAPÉIS E LUGARES DAS MULHERES NEGRAS NAS COLEÇÕES DIDÁTICAS ANALISADAS.....	23
4.2	ANÁLISE DOS DADOS.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Através do contato com a Universidade encontramos uma abertura maior diante da percepção de representatividade e reconhecimento do Negro e da Mulher Negra. Foi através do Campus CAA, diante da vivência de algumas disciplinas, que compreendi meu papel e minha importância em unir forças para lutar em busca de maior reconhecimento do povo negro. Possuindo como base fundamental a necessidade de compreender à Educação Étnico-racial e como ela relaciona-se com a construção de nossa identidade social e cultural.

Nesse sentido, evidenciamos nesse trabalho a discussão sobre: a Representação Imagética da Mulher Negra nos Livros Didáticos de História e Geografia, do ensino fundamental, anos iniciais, da cidade de Lagoa dos Gatos-PE. Partindo disso traçamos os pressupostos: a) Livro Didático reconhecido como documento curricular, b) compreender os lugares e não-lugares ao qual a Mulher Negra é representada nos Livros Didáticos.

Tomando como base para subsidiar a nossa pesquisa elencamos as justificativas pessoal, acadêmica, social e profissional. Como justificativa pessoal, trago minha dificuldade em me reconhecer com mulher Negra, em sala de aula, no meu Ensino Fundamental, de maneira mais objetiva, através das Imagens apresentadas pelos Livros Didáticos.

Por conseguinte, minha justificativa acadêmica é traçada sobre a importância de compreender essa discussão que vem se construindo durante minha graduação. Fomentada através da disciplina de Currículos e Programas, onde observamos, quem, pra que e de que forma são produzidos e distribuídos os conhecimentos, de forma mais incisiva pelos Livros Didáticos e como eles afetam a construção da identidade.

Como justificativa social, trago a necessidade de compreender como os Livros Didáticos, em especial os livros de história e geografia, tratam sobre a representatividade da Mulher Negra e como essa construção pode afetar a formação de identidade das crianças, sendo a disciplina de história, propícia para fomentar discussões sobre o assunto e formar novas vivências.

Com justificativa profissional, trato sobre a necessidade de como educadora e mulher Negra, compreender o meu papel em sala de aula e em sociedade e manter o compromisso com uma educação que promova a representatividade, o respeito, o e a construção da identidade de futuros cidadãos.

É notório, que a mulher passa por uma dificuldade quanto o seu reconhecimento. Durante muito tempo elas veem lutando por uma sociedade com maior equidade de

gênero entre homens e mulheres. Nesse sentido, devemos compreender que é necessário que as mulheres despertem para a importância de sua autonomia e percebam como este fator será crucial para alavancar seu reconhecimento.

Quando delimitamos nossa fala à Mulher Negra, compreendemos que possui maior dificuldades quanto à Mulher Branca, esta possui uma disparidade de reconhecimento e de validação de seus direitos enquanto mulher integrante de movimento de luta e de busca por uma igualdade.

Observamos que os Livros Didáticos, enquanto base para textos curriculares, possuem grande relevância para auxiliarem no dia a dia dos educadores, o Livro Didático é o material que possui maior acessibilidade diante dos alunos. No entanto, percebe-se uma seletividade quanto a escolhas referentes a conteúdos e imagens a serem compartilhados no material, supondo que haja somente uma cultura ou uma cultura “correta”. Nesse sentido, Silva afirma que:

em geral, utiliza-se o termo [diversidade] para advogar uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas. Ele tem, entretanto, pouca relevância teórica, sobretudo por seu evidente essencialismo cultural, trazendo implícita a ideia de que a diversidade está dada, que ela pré-existe aos processos sociais pelos quais numa outra perspectiva ela foi, antes de qualquer outra coisa, criada. Prefere-se, neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo com relações de poder e autoridade (2000 p. 44-45).

Dessa forma, conseguimos compreender que a existência de diferentes culturas não irá significar reconhecimento das mesmas, de certa forma a cultura colonial tende a usar de seu poder de controle para manter no centro a cultura Europeia como a mais “correta”, deixando de lado as demais.

As buscas que foram realizadas para a construção dessa pesquisa, basearam-se nos Estudos Pós-coloniais, que é um espaço de construção de outros saberes além de valorização e reconhecimento de culturas que foram esquecidas diante de um período colonial.

Quanto a essa questão, observamos nos contatos iniciais com o livro didático que os mesmos tendem a representar as Mulheres Negras de maneira a inferiorizá-las além de distorcerem seu papel e sua representatividade.

Em busca de aperfeiçoar nosso trabalho, que traz a questão da Representação Imagética da Mulher Negra nos Livros Didáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da cidade de Lagoa dos Gatos-PE, realizamos o levantamento de trabalhos

localizados nos bancos de dados da ANPED entre 2015 a 2021, correspondente a 37º a 40º edições.

Realizamos nossas buscas em comunicação ao GT21 que trata sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais visando que essa temática se encontra em destaque na produção do nosso trabalho.

Na nossa busca, encontramos 111 trabalhos dentre estes, apenas 04 se aproximam do objetivo da pesquisa, conforme Quadro abaixo:

QUADRO 1 – QUANTIFICAÇÃO DO LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES PERTINENTES A PESQUISA

Reuniões	GT 21 Educação das Relações Étnicas – Raciais	
	Total de GT	Relação com objeto
37º- 2015	29	2
38º- 2018	23	1
39º- 2019	23	1
40º - 2021	46	0
Total de pesquisa relacionada ao objeto	4	

Fonte: Quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br/>

O GT da Educação das Relações Étnico-raciais irá apresentar 4 pesquisas que se intitulam: “Construção de concepções Étnico-Raciais africanas em sala de aula” autoria Elizângela Areas Freitas Almeida e Marília Eliane Giacheto Saraiva; “A (In)visibilidade e a (Des)construção da identidade Negra na sala de aula do Ensino médio” autoria de Leiva de Figueiredo Viana e Marilza de Oliveira Santos; possuindo relação com o objetivo de compreender a relações das construções Étnico-Raciais.

Em sequência o texto: “Práticas do ensino de História e cultura Afro-brasileira e African em escolas públicas do Acre” autoria Adrio Alves Gatinho; compreendendo haver relação com o objetivo relacionado a ensino de História.

Por fim, “Mulher Negra, representação e pedagogia outras: diferentes formas de ver e fazer educação antirracista” autoria Ana Cristina da Costa; possuindo relação com a temática de observação ao percurso escolar da Mulher Negra e questões ligadas a representação.

No entanto, ao observamos as produções ligadas ao Livro Didático, percebemos uma baixa produtividade e/ou publicações, compreendendo que esta temática esteja um tanto quanto inviabilizada, necessitando de maiores fomentações quanto a este tema. Além de ser uma demonstração quanto ao silenciamento do campo de pesquisa sobre a representatividade da Mulher Negra. Dessa maneira trazemos nosso problema de pesquisa: quais os sentidos atribuídos à Mulher Negra nos Livros Didáticos de História e Geografia do PNLD-2022?

Nessa perspectiva, elencamos os seguintes objetivos: Objetivo Geral: Compreender o sentido atribuído à Mulher Negra nos Livros Didáticos de História e Geografia, do Ensino Fundamental do PNLD-2022. E temos como objetivos específicos: a) identificar as imagens da Mulher Negra nos livros didáticos em questão; b) Elencar quais papéis e locais são direcionados à Mulher Negra no livro didático.

Após a sondagem referente as justificativas que corroboraram para construção dessa temática, houve um levantamento teórico dividido em três tópicos que subsidiaram toda a pesquisa. Seguindo para o levantamento de dados para a análise possuindo por referência os Estudos Pós-Coloniais.

2 OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS NA PERSPECTIVA DA MULHER NEGRA

Nossos estudos possuem por base a Legislação nacional, que traz “a garantia de acesso às condições de infraestrutura bem como de materiais e livros didáticos em conformidade com a realidade local e a diversidade da população do campo”. Assim como “respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional, **de raça** e etnia” (BRASIL, 2004, p.1, grifo nosso).

Dessa forma, compreendemos que os Estudos Pós-coloniais possuem aproximação com a Educação das Relações Étnico-Raciais. Sendo também uma forma de resistência quanto ao colonialismo, além de servir com força para questionar a negação histórica que o colonialismo promoveu.

2.1 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Devemos compreender que o debate sobre a diferença vem ocupando maior espaço na sociedade, dessa maneira, a educação possui um papel fundamental quanto a questão de promoção de debates sobre essa temática. A Lei de Diretrizes de Base (LDB), possui papel de destaque, por ser esta que delimita os conteúdos a serem trabalhados dentro dos currículos, compreendo que ocorra uma necessidade de sair das metodologias conteudista e perpassar para uma realidade de diálogo entre as escolas e a realidade social.

Através de um olhar específico, conseguimos observar como o currículo, que possui uma fundamentação colonialista e trata de uma monocultura, necessita de uma atenção maior para a história de quem esteve na base da pirâmide para construção do Brasil. Olhar para quem fez e faz parte da história tanto quanto o Europeu, percebe-se a necessidade de mudança nas práticas pedagógicas para uma educação que trate da decolonização brasileira ou seja, uma educação Étnico-Racial.

É importante observarmos que vivemos diante de uma sociedade construída embasada por fundamentos e conceitos coloniais, passamos a compreender a necessidade da educação Étnico-Racial para que consigamos nos desvincular de uma educação voltada para o eurocentrismo percebe-se que ocorre uma classificação, através das raças, que promovem determinados privilégios aos brancos, advindos de uma matriz de colonialidade.

Para tratarmos sobre educação étnico-racial é importante observar o conceito de colonialidade que, segundo Quijano (2005), é uma ideia que trata sobre a construção de um poder, eurocentrado a partir da ideia de raça que apresenta três eixos: *Poder, Saber e Ser*.

Esses eixos apresentam a maneira hierárquica diante da inferiorização dos povos colonizados. De forma específica a nossa temática, ao observarmos as relações de poder sobre si mesma as Mulheres Negras possuem menor poder ao serem comparadas as Mulheres Brancas. Dessa forma a *Colonialidade do Poder* aponta que “as novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares, na nova estrutura global de controle do trabalho” (QUIJANO, 2005, p. 108).

Nessa percepção, haverá o reconhecimento de saber válido, ou seja, a *Colonialidade do Saber*, os conhecimentos validados serão referentes ao eurocentrismo, promovendo uma negação no espaço curricular diante do saber do outro. Criando assim um espaço de subalternizado na representação em específico, da Mulher Negra, deixando-as aos papéis de escravas, folclore e artesanato, estimulando os papéis de destaques para o branco-eurocentrado.

Dessa forma, ocorre uma ação de tornar o ser um não-ser, referentes aos seres inferiorizados historicamente, diante de um processo de neutralização de sua inferiorização, caracterizando uma *Colonialidade do Ser*. Diante dessa percepção, os materiais didáticos os alunos deparam-se apenas com a história que coloca o homem branco no papel de destaque, considerando a cultura hegemônica com a superior.

Dito isto, iremos tratar sobre a educação decolonial para que consigamos observar com mais clareza a ideia de uma educação étnico-racial. Segundo Oliveira e Candau (2010): “A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação radical do ser, do poder e do saber.” (p.10). Dentro dessa perspectiva, colocamos a educação como espaço fundamental de construção/reconstrução dos seres humanos, dentro do espaço educacional, com as políticas públicas realizadas e formas exitosas a educação étnico-racial surgirá com efeitos positivos para construção de uma sociedade com mais equidade.

Dessa maneira, é necessário observar o currículo como detentor de um papel de destaque, por ser este o responsável pela organização dos conteúdos a serem abordados no sistema educacional, de maneira a orientar a organização de gestores, professores e coordenadores educacionais. A herança de um período colonial interfere ao deixar ser apresentado somente um lado da história, silenciando determinados povos que foram, são e permaneceram como povos importantes para a construção da sociedade brasileira. Diante dessas questões, os Movimentos Sociais, em especial, o Movimento Negro, vem

lutando, desde o século passado, para que aconteça de fato uma mudança no currículo escolar.

É somente em 1970, em meio a Ditadura Militar, que surgem movimentos negros com cunho social, religioso e político, proporcionando maior visibilidade à essa temática na agenda social e política do país. Além de reivindicarem direitos negligenciados pelo Estado, como por exemplo uma educação democrática, buscava-se uma ação do Estado em promoção de políticas públicas voltadas à educação da diferença étnico-racial além da valorização da cultura afro-brasileira e africana.

Graças as reivindicações e pressões feitas pelos movimentos sociais, em especial o movimento negro, ocorreram mudanças significativas, incluindo no sistema educacional essa pauta, proporcionando avanços para uma educação voltada as relações étnico-raciais.

Dentro desses avanços podemos observar na LDB (Lei de Diretrizes de Base), que passou por mudança através da Lei 10.639/2003, proporcionando alteração na organização educacional ao incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Compreendo que a organização desses conteúdos no currículo seja uma iniciativa de construir uma educação Étnico-Racial, através da valorização e reconhecimento de todos que fizeram parte da construção da história do Brasil.

No entanto, mesmo com avanços, é notório que a educação, assim como define ARAÚJO; MORAIS

...ainda não se desprende das amarras que o prende a um currículo homogeneizante, eurocêntrico e monocultural que não atende às demandas e aos interesses dos diferentes grupos étnico-raciais e culturais que frequentam os diferentes níveis e modalidades de ensino” (2013, p.2).

Ou seja, mesmo com os consideráveis avanços, a educação que proporciona privilégios a uma cultura hegemônica que predomina apenas um conceito de povo como “correto” ainda se perpetua.

Se observarmos o cotidiano pedagógico em sala de aula, ficará notório que as temáticas ligadas às diferenças étnico-racial são abordadas de forma superficial e, em sua maioria trabalhadas em dias específicos, (como por exemplo dia 20 de novembro – Dia da Consciência Negra) ou, através de iniciativas individuais de profissionais que se dedicam a uma educação votada aos conceitos étnico-raciais.

Os conteúdos culturais do povo Negro, raramente são utilizados como conteúdo de reflexão e investigação e não são contemplados no cotidiano da sala de aula. É dessa questão que surge a dificuldade dos estudantes se reconhecerem como afrodescendentes, além da dificuldade em professores e estudantes interessarem-se pela discussão da temática. Surgindo assim o silenciamento e invisibilidade da cultura e dos conhecimentos desses povos.

A educação étnico-racial, segundo Batista (2010, p.308), possui por finalidade: “Desconstruir a perpetuação da desigualdade racial no sistema brasileiro de ensino”. Dessa forma, podemos compreender a magnitude de adotar um sistema de ensino com políticas públicas que proporcione a discussão dessa temática e o seu reconhecimento, devemos pensar de onde vem os conhecimentos, quem os produzem e qual a sua finalidade.

2.2 IDENTIDADE E IDENTIDADE DA MULHER NEGRA

Compreendemos que o ambiente familiar é o primeiro espaço de socialização do indivíduo, é através dessa convivência que entenderá sobre seu início de formação de identidade. Tomando por sequência, haverá o espaço escolar, que irá ser responsável por promover ações de convívio social, que influenciam diretamente compartilhando experiências que promoveram o desenvolvimento de sua identidade.

Os próximos espaços, para a formação de sua identidade, serão definidos pelos próprios sujeitos, que possuindo por base as suas experiências e escolhas, irá delimitar suas relações socioculturais assim irá se dá sua formação baseada na convivência com os outros e nas definições de seus movimentos e grupos ao qual se identifica. Dessa maneira, compreende-se que a identidade é algo construído de forma social e representa as escolhas políticas, sociais e dos grupos ao qual fazemos parte.

Na busca de definir o conceito de identidade, o antropólogo Munanga, define como:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (1994, p.177-178).

Dessa forma, entendemos que a definição de uma identidade estará sempre presente além de ser um fator importante nas definições das relações culturais sejam elas

linguísticas, rituais, alimentares dentre outros. Segundo Novais (1993, p.25) a identidade não é algo inato, ela se refere ao modo de ser no mundo, ficando ainda mais específico quando “um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido”. Sendo assim, ao nos reconhecermos dentro de uma identidade, supõe-se um pertencimento a um determinado grupo social.

Dentro dessa questão da construção da identidade, por fundamentação histórica encontra-se o conceito de raça, que nem sempre é visto com bons olhos, ao remeter a ideia de racismo, resquícios da escravidão e às imagens que construímos sobre o “ser negro” “ser branco”.

De forma inicial este conceito foi destinado para finalidades da botânica, seguindo para algo relacionado a cor da pele no século XVIII e seguindo para o século XIX possuindo acréscimo de critério morfológico. No século XX perpassou para o conceito de raça como algo não biológico, mas inoperante para explicar a diversidade humana (MUNANGA, 2003). Portanto, podemos compreender de forma atual a raça como algo ligado à construção social, política e cultural, construída através das relações de poder.

A sociedade perpassa por um período de fragmentação do indivíduo, como citam Guerreiro e Melo (2017, p. 270): “o sujeito antes detentor de uma identidade unificada e estável, está tornando-se fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades”. Ou seja, atualmente a sociedade é composta por diversos grupos, conceitos e movimentos, o que torna o sujeito detentor de variáveis possibilidades de mudança e reconhecimento tornando algo antes cultural, e de certa forma hereditário, um processo de construção autônoma e livre, porém muito variável.

Ao observar com maior atenção a construção da identidade Negra, observamos que assim como demais, é um processo construído de forma progressiva. Dependendo dos convívios sociais e através de uma construção histórica, além do espaço escolar que possui responsabilidade social e educativa em proporcionar uma educação voltada às diferenças.

Em sua maioria, as Mulheres Negras possuem grande percurso até formular sua identidade como tal, entendemos que a sociedade atual, mantém o conceito de colonialidade, que como já conseguimos observar, é um dos conceitos que detém maior responsabilidade quanto à manutenção de uma sociedade racista. Dessa forma acabam por atingir de forma direta os espaços destinados para construção da identidade integral do povo negro, de maneira a inferiorizar e manter o estereótipo do antigo conceito de raça, já discutido aqui.

Ocorre um grande processo de desvalorização de si mesmo, que emerge de uma sociedade que estimula uma hegemonia de determinada cor, mostrando traços advindo de uma sociedade com resquícios de um período colonialista, além de resumirem a importância da representatividade feminina dentro da história, muitas vezes, destinando seu papel apenas às atividades domésticas, esquecendo-se de sua importância na luta por uma sociedade com maior equidade, promovendo maior representatividade do homem em papel de superioridade. Diante dessa afirmação Silva cita que:

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial. (2003 [S. p])

Dessa forma, fica explícito o papel de inferioridade que é carregado pela Mulher Negra, mostrando que, os resquícios de uma colonialidade do poder perseguem os avanços de construção social dessa população. Dessa forma devemos compreender que, é somente com a aproximação de mulheres que possuem o mesmo ideal e que tomam consciência de sua negritude que se ganha um espaço na sociedade e um autoconhecimento sobre si mesmo.

2.3 O LIVRO DIDÁTICO COMO MATERIAL HISTÓRICO E POLÍTICO

Os Livros Didáticos acompanham os estudantes em todo seu processo de ensino, desde o Ensino Fundamental; no Brasil, possuindo por base sua fundamentação eurocentrada para a educação, os Livros são vistos como mecanismo de manutenção dessa educação.

Observamos os ambientes escolares como espaço fundamental para socialização, neste ambiente, consideramos o Livro Didático como material de maior protagonismo entre os educadores. Com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), são distribuídos centenas de Livros Didáticos pelo país, eles possuem grande espaço para possibilidade de construir e/ou auxiliar, de maneira direta, a formação de novas vivência e identidades.

No Brasil o Livro Didático teve seu início em 1808, e desde então possui um papel interligado com dominação e delimitação de conteúdos; na era Vargas viu-se o livro como mecanismo de exaltar o espírito de nacionalidade. Na época da ditadura militar passou a

ser visto como espaço de controle social da população (FREITAS; COSTA; MOTTA; 1989).

O PNLD foi lançado em 1985 pelo decreto nº 91.542, esse avanço promove significativas mudanças diante da distribuição dos Livros Didáticos. Tendo um papel significativo na construção de um processo educativo com maior equidade. É importante salientar, que as mudanças provocadas pelo Programa Nacional do Livro Didático, estavam diretamente ligadas às propostas governamentais em vigência. Essa atitude vem demonstrando uma relação política, diretamente ligada ao livro didático, que é visto como material importante para a manutenção de ideologias.

Destacamos que este programa (PNLD), proporciona uma maior centralidade deste material didático no trabalho do docente. Esse programa possui como finalidade a garantia de material didático de qualidade que subordinassem o desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

Ao observamos essa questão da centralidade do livro didático Bettencorut cita que:

Os livros didáticos, os mais usados instrumentos de trabalho integrante da “tradição escolar” de professores e alunos, fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos. Trata-se de objeto cultural de difícil definição, mas, pela familiaridade de uso é possível identificá-lo, diferenciando-o de outros livros (2008, p. 299).

Sendo assim, é importante observar o peso histórico que também se encontra nos Livros Didáticos, além da familiaridade encontrada entre professores e estudante, ele se encontra diretamente ligado ao cotidiano escolar, sendo visto como objeto central de construção de conhecimento.

Nesse processo, observamos o Livro Didático como fonte de manutenção dos conceitos de colonização sendo vistos como os responsáveis por um papel importante de fios condutores da manutenção dos conteúdos colonialistas que mantém uma monocultura. Estes mesmos conteúdos são observados pelos estudantes como verdades absolutas dificultando conhecimentos sobre culturas diferentes e afetando na construção da identidade daqueles que possuem a história de seus ancestrais esquecidas.

Devemos compreender o livro como um texto curricular (SILVA, 2010) e deve ser observado e escolhido dentro das categorias que atendam às necessidades dos estudantes e da sociedade em que está inserido. Além de ser um materia de disputa entre classes e grupos dominante, diante de sua esfera curricular, ele é espaço de levar ideologias e culturas, destinados a um grupo específico.

Dessa maneira, ocorre uma luta por espaço em busca de homogeneizar a sociedade e determinar conteúdos escolares como únicos, além de reduzirem o papel da Mulher Negra diante de um olhar machista e eurocentrado.

Diante desse fator, a pesquisa realizada por Santos (2017) demonstrou que as Imagens apresentadas nos Livros Didáticos, referentes as Mulheres não-brancas tratam-nas em papel de redução de conhecimentos outros. Sendo assim, conseguimos observar uma organização de manutenção de uma sociedade capitalista, racista e patriarcal através dos Livros Didáticos e de como seus conteúdos e Imagens são organizados, através do poder político que é introduzido nos currículos educacionais.

Os Livros Didáticos possuem em sua base de construção o currículo, na visão de Lopes (2004, p.111) ambos trazem “visões de mundo, de habilidade, de valores, de símbolos e significados, portanto de culturas capaz de instituir formas de organização do que é selecionado, tornando-o apto de ser ensinado”. Sendo assim, eles representam o que é imposto pelas políticas públicas em vigência.

Portanto, os Livros Didáticos devem colocar em prática a Lei 10.639/2003, e proporcionar conteúdos que promovam uma educação destinada às relações étnico-raciais e que valorizem os conteúdos, culturas, costumes e histórias do povo negro. Dessa forma é importante que sejam vistos como conteúdos de suma relevância para a construção de debates em sala de aula, pois como já discutidos, os Livros Didáticos são responsáveis por embasarem de forma incisiva o planejamento de professores, coordenadores e gestores pedagógicos além de serem vistos como verdade absoluta pelos estudantes

3. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A abordagem Teórico-Metodológica dessa pesquisa visa os estudos Pós-coloniais (QUIJANO 2005). Na abordagem adotada, frisamos o debate sobre Racionalização e Racialização, Colonialidade e Decolonialidade do Poder, do Saber e do Ser, Interculturalidade, Educação Intercultural e a Pedagogia Decolonial (BATISTA 2010; OLIVEIRA; CANDAU, 2010) e suas relações com a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Essa pesquisa busca compreender como ocorrem as Representações Imagéticas da Mulher Negra nos Livros Didáticos do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, este estudo, centra-se na abordagem metodológica de caráter qualitativo que “além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (MINAYO, 2010, p.21).

Aspirando alcançar nosso objetivo de pesquisa, aproximamo-nos da Pesquisa Documental na qual, segundo Oliveira (2007, p. 69), “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico”. Nessa percepção, evidenciamos que os Livros de Didáticos constituem-se enquanto um desses documentos passivos a essa análise.

Sendo assim, utilizamos os livros da Coleção Buriti Mais História 5º Ano e Buriti Mais Geografia 5º Ano, ambos livros destinados aos alunos, divididos em quatro capítulos, que foram respectivamente analisados e selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2022). Optamos por trabalhar apenas com as disciplinas de História e Geografia, por compreendermos que a Disciplina de História é quem possui em suas diretrizes a obrigatoriedade de tratar sobre os estudos decoloniais e a disciplina de Geografia deve trabalhar os conteúdos relacionados a ambiente, tecnologia e população dentro da realidade dos alunos.

Dessa forma, destacamos que a Análise do Conteúdo será via Análise Temática, segundo Bardin (1977) que essa, por sua vez, ocorre em três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento e inferências. Na primeira fase, trata sobre a escolha do material para análise e uma retomada aos objetivos e ao problema de pesquisa.

Seguiremos para a segunda fase, que faremos a codificação e categorização do material (Livro Didático). Por fim, segundo Bardin (1977, p.133) iremos “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o

receptor.” Assim serão realizadas com base na abordagem teórico-metodológica dos Estudos Pós-coloniais, levando em consideração o contexto que os Livros Didáticos foram produzidos.

4. DIALOGANDO ENTRE OS DADOS COLETADOS E AS DISCUSSÕES TEÓRICAS

Ao analisarmos as Imagens dispostas nos Livros Didáticos em questão (Buriti Mais História e Buriti Mais Geografia, 5º Ano), conseguimos elencar sete papéis/lugares que a Mulher Negra está ocupando, elencamos como: **1) Trabalho, 2) História, 3) Escola, 4) Política, 5) Cultura, 6) Cotidiano e 7) Família.**

Nesse momento, apresentaremos as análises dos dados a partir da categorização de inferências sobre as Imagens referentes à representação da Mulher Negra seguindo as categorias já destacadas.

4.1 CATEGORIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DAS IMAGENS REFERENTES AOS PAPÉIS E LUGARES DAS MULHERES NEGRAS NAS COLEÇÕES DIDÁTICAS ANALISADAS

Nessa etapa, traremos o quantitativo de Imagens encontradas nos Livros Didáticos Buriti Mais História 5º Ano e Buriti Mais Geografia 5º Ano. No quadro a seguir, traremos a categorização e quantificação de cada elemento encontrado referente a Representação imagética da Mulher Negra nos Livros Didáticos.

QUADRO 2 – QUANTIFICAÇÃO DE IMAGENS

LIVRO DIDÁTICO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA 5º ANO			LIVRO DIDÁTICO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA 5º ANO		
Lugar	Papel	Mulher Negra	Lugar	Papel	Mulher Negra
Política	Prestígio	1	Política	Luta Social	1
	Poder	1			
Cultura	Religiosidade	1	Cultura		-
	Cultura Africana	1			
Trabalho	Formal	0	Trabalho	Formal	Prestígio 4
	Informal	2			Pouco Prestígio 1

				Informal	1
Família	No passado	1	Família	Periférico	1
História	Prestígio	Arte 1	História		-
		Intelecto 1			
	Figurativo	1			
Escola	Periférico	1	Escola	Periférico	3
Cotidiano		-	Cotidiano	Vulnerabilidade social	2
Subtotal	11		13		
Total	24				

Fontes: Livros Didáticos do Ensino Fundamental de História e Geografia aprovados pelo PNLD-2021.

A partir dos dados é possível observamos 24 Imagens identificadas com referência à Representação Imagética da Mulher Negra. Sendo possível perceber que essa temática está presente nos Livros Didáticos, instigando-nos assim a compreender quais Lugares e Espaços a Mulher Negra vem ocupando nestes materiais. Ressaltamos que a partir dos dados apresentados no Quadro 01, realizamos as inferências e as interpretações com base em nosso referencial teórico.

Nesse sentido, o capítulo seguinte tratará sobre as análises com o objetivo de confrontar os achados com o referencial teórico, com o objetivo central de encontrar respostas para o problema da pesquisa que é, compreender quais os sentidos atribuídos à Mulher Negra nos Livros Didáticos de História e Geografia do PNLD-2022.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Destacamos que nossa análise está fundamentada nos Estudos Pós-coloniais, buscando compreender como dar-se-á a Representações das Mulheres Negras nos Livros Didáticos na perspectiva da tensão entre a Colonialidade e a Decolonialidade.

Iniciaremos com categoria da Mulher Negra no **Trabalho**; esse lugar é representado nos seguintes papéis: Informal (Imagens 1, 2 e 3) e formal (Imagens 4, 5, 6, 7 e 8). Dentro do papel de trabalho formal elencamos as subcategorias formal com pouco prestígio (Imagem 4) e formal com prestígio (Imagem 5, 6, 7, e 8). Vejamos a seguir:

Trabalho Informal



Imagem 1- Buriti Mais História 5º Ano

Trabalho Informal



Imagem 2- Buriti Mais História 5º Ano

Trabalho Informal



Imagem 3- Buriti Mais Geografia 5º Ano

Trabalho Formal de Pouco Prestígio



Imagem 4- Buriti Mais Geografia 5º Ano

Trabalho Formal de Prestígio



Imagem 5- Buriti Mais Geografia 5º Ano

Trabalho Formal de Prestígio



Imagem 6- Buriti Mais Geografia 5º Ano

Trabalho Formal de Prestígio



Imagem 7- Buriti Mais Geografia 5º Ano

Trabalho Formal de Prestígio



Imagem 8 – Buriti mais Geografia 5ºAno

Ao iniciar nossa análise referente à categoria da Mulher Negra no Trabalho, entendemos que há uma aproximação com o trabalho escravo ao visualizarmos as Imagens 1, 2 e 3, que a colocam em um trabalho informal, sem segurabilidade, mas também em uma posição de pouca valorização na sociedade.

Percebemos uma manutenção da Imagem da Mulher Negra como inferior às demais, além de possibilitar uma interpretação de que ela ficará sempre destinada a

trabalhos que a liguem, mesmo que indiretamente, ao passado escravista e as ações de servidão. Este fato reforça a colonialidade do trabalho e de gênero ao destinar trabalhos de pouco prestígio às Mulheres Negras.

Dessa forma compreendemos uma tensão da Racialização do Trabalho, como afirma Florestan (2017, p. 10) “[...] faz parte da configuração do nosso capitalismo dependente que alimenta a divisão racial do trabalho e o racismo como forma de dominação política das camadas populares e das classes trabalhadoras”, principalmente para às Mulheres Negras. Assim concluímos que o passado Colonial e Escravista brasileiro possui raízes profundas na formação social do nosso País e ainda persevera nos dias atuais.

Quando visualizamos a Imagem 4, notamos a Mulher Negra evoluindo do trabalho informal para o formal, no entanto, ainda destinada a uma posição de atividade que demanda força, onde, mesmo estando nessa posição de formalidade destina-se a pouco prestígio.

Ao analisarmos as Imagens 5, 6 e 7 conseguimos visualizar a Mulher Negra em atividades formais de prestígio, observamos que ela ocupa um espaço de atividade intelectual. Na Imagem 5 notamos que ela está ocupando um lugar majoritariamente marcado pela figura masculina. No entanto, observa-se que a representação da Mulher Negra, nessa posição intelectual, fica destinada aos espaços periféricos da Imagem, mantendo a centralidade no Homem, mostrando um reforço ao patriarcado.

Essa questão da centralidade destinada ao Homem também pode ser observada na Imagem 6, onde a Mulher Negra destina-se novamente a periferia deixando o Homem em posição de destaque, em uma atividade intelectual.

Além da ideia de Patriarcado, as Imagens trazem uma interpretação referente a Interculturalidade Funcional, que segundo Walsh, não aponta para uma sociedade justa e equitativa ao citar que:

[...] não aponta para sociedade para a criação de sociedades mais equitativas e igualitárias, mas para o controle do conflito étnico e a conservação da estabilidade social, com o fim de impulsionar os imperativos econômicos do modelo neoliberal de acumulação capitalista, agora “incluindo” os grupos historicamente excluídos. (p. 16). O interculturalíssimo funcional responde e é parte dos interesses e necessidades das instituições sociais (2009, p. 21).

Sendo assim, compreendemos que existe um reforço das ideias de desigualdade social e racial, além de manter somente os interesses das classes dominantes. Mas, conseguimos visualizar avanços para a Interculturalidade Crítica, que segundo Walsh

(2009, p.21): “(...) a interculturalidade crítica, (..) é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização”. Na Imagem 8, essa Interculturalidade fica visível, onde ela está ocupando um papel de prestígio demonstrando um avanço significativo diante da representatividade. Além de destacarmos que está na Capa do Livro Didático, proporcionando que as crianças que acessem esse material não só se reconheçam, mas também consigam imaginar-se naquele papel.

Na Imagem 7, o papel da Mulher Negra está ligado a uma atividade formal, no entanto, para compreendermos que é uma função de professora, se faz necessário um esforço maior, comparada as demais que aparecem nos Livros Didáticos ocupando essa mesma posição, percebemos uma ausência de materiais que auxiliem na interpretação de que este ambiente é mesmo uma sala de aula.

Posto isso, podemos compreender que ao aparecer 4 Imagens, de fato, da Mulher Negra exercendo papel de trabalho de prestígio, demonstra avanço de Decolonialidade, trazendo indícios de representá-las enquanto sujeito epistêmico. Mas ainda há uma preeminência da Interculturalidade Funcional quando há representação somente de Mulheres Negras ocupando o espaço de trabalho de menor prestígio.

Dando segmento a análise, iremos tratar sobre a categoria da Mulher Negra na **História**. Nesse momento encontramos os seguintes papéis: Prestígio, que subdivide em em Arte e Educação (Imagens 8 e 9) e sem prestígio com papel Figurativo (Imagem 10).

Prestígio - Arte



Imagem 9 – Buriti mais História 5º Ano

Prestígio - Educação



Imagem 10 – Buriti mais História 5º Ano

Sem Prestígio – Figurativo



Imagem 11 – Buriti mais História 5º Ano

Ao analisarmos essa categoria, nos deparamos somente com a Mulher Negra representada no Antigo Egito. Compreendemos como Imagens importantes e necessárias a serem retratados nos Livros Didáticos por trazerem uma representatividade histórica das Mulheres Negras, de onde à retira do papel da ancestralidade somente como escravizadas.

Comumente nos deparamos com as Imagens dos povos do Antigo Egito como majoritariamente brancos. Suas representatividades nos materiais didáticos em sua maioria, tratam o povo como distantes dos povos Negros, esquecendo-se que se trata de uma civilização que possui seu território no continente Africano e muitas vezes essa informação passa despercebida pelos Livros Didáticos.

A Imagem 9 traz a Mulher Negra no papel da História dentro de um espaço de prestígio, possuindo seu lugar na Arte, ao mostrá-las como musicistas. Há uma grande importância nessa representação, por tratar-se de um espaço que não somente demonstra a cultura de um povo, mas também demonstra a ocupação delas em demais espaços na história.

Na Imagem 10, elas aparecem ocupando mais um espaço de prestígio, estando em um lugar destinado ao ensinamento. Nessa categoria trata-se de um espaço não somente de intelecto, mas também, ocupando uma posição de Poder ao estar diante da possibilidade de repasse de um ensinamento para seu povo.

Ao analisarmos a Imagem 11, nos deparamos com a Mulher Negra em total lugar de Figuração diante do Astrônomo Nakht, que está na centralidade da Imagem. Ocorre uma demonstração de que o Patriarcado sempre existiu bem como a Colonialidade do Poder sobre o papel feminino.

Por fim, concluímos que as Imagens que trazem a Mulher Negra na História, de maneira realista, são somente do Antigo Egito, deixando lacunas de demais papéis históricos ocupados por estas.

No entanto, devemos compreender como uma evolução, retratar a Mulher Negra também no Antigo Egito demonstrando uma segurabilidade da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura do Povo Africano.

A seguir será apresentada a categoria da Mulher Negra na **Escola**. Conseguimos observá-la ocupando somente o lugar periférico das Imagens (12, 13, 14 e 15).



Imagem 12 – Buriti mais Geografia 5ºAno



Imagem 13 – Buriti mais Geografia 5ºAno



Imagem 14 – Buriti mais História 5ºAno

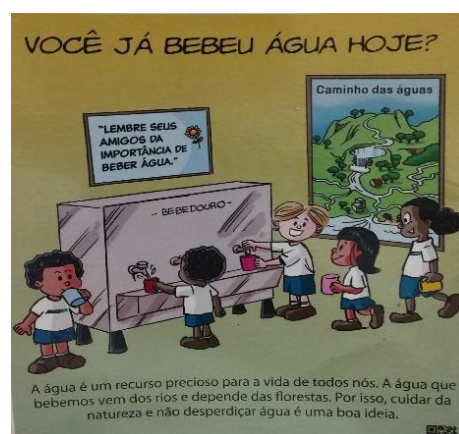


Imagem 15– Buriti mais Geografia 5ºAno

Observamos o espaço escola como ambiente importante para socialização dos sujeitos e construção de suas identidades. Sendo assim, estudar os Livros Didáticos torna-se necessário para compreender qual tipo de relação são impostas diante do lugar destinado à Mulher Negra nas escolas e, conseqüentemente, na sociedade.

As Imagens 12 e 13 apresentam um papel de participação ativa em uma atividade coletiva, promovendo uma visualização positiva para a Menina Negra, ao se tratar de uma possibilidade de ter voz e envolvimento nas atividades coletivas promovidas em sala de aula.

Ao olharmos essas Imagens do ambiente escolar, a Menina Negra está disposta nas partes periféricas, quem aparece na centralidade são Mulheres e Meninas Brancas. Nas Imagens (13 e 14) das professoras existe uma representação mais profissional ao ser comparada com a Imagem 7, (da Categoria Mulher Negra no Trabalho), percebemos que a profissionalização e os materiais que remetem ao ambiente escolar, se fazem mais presentes para a Mulher Branca.

Nessa categoria ocorre uma manutenção da Mulher Negra no papel periférico quanto ao profissionalismo, perpetuando com maior ênfase uma possível interpretação de

pouca ascendência profissional para as crianças Negras que tiverem acesso a este material didático.

Ao visualizarmos a Imagem 15, observamos uma representatividade quanto a posição do Menino Negro, mas ao visualizarmos a posição da Menina Negra, nos deparamos com a mesma realidade das demais dessa categoria, onde ela permanece na periferia.

Conseguimos visualizar não somente uma propagação de patriarcado, mas também as questões ligadas a desigualdade de gênero, que segundo Cabral e Dias é:

A desigualdade de gênero, como outras formas de diferenciação social, trata-se de um fenômeno estrutural com raízes complexas e instituído social e culturalmente de tal forma, que se processa cotidianamente de maneira quase imperceptível e com isso é disseminada deliberadamente, ou não, por certas instituições sociais como escola, família, sistema de saúde, igreja, etc (1998, p.03)

Assim, percebemos que ao deixar o papel central para o Homem, ocorre uma manutenção do sistema de diferenciação social, trazendo um exercício de Poder implicando sempre uma relação de submissão e desigualdade de gênero.

Destacamos a pouca representatividade da Mulher Negra no espaço escolar, onde há majoritariamente a presença das Meninas Negras. Esse fator, demonstra uma fragilidade quanto a representação nestes espaços e também, uma possível ascendência profissional de Mulheres Negras, levando a interpretação de que talvez aquele lugar não seja para ela.

Trataremos agora da categoria da Mulher Negra na **Política**, nessa seção nos deparamos com os papéis de Luta Social (Imagem 16 e 17) que se subdivide em papel de prestígio (Imagem 16) e pouco prestígio (Imagem 17) e em uma posição de Poder (Imagem 18).



Imagem 16 – Buriti mais História 5ºAno



Imagem 17– Buriti mais Geografia 5ºAno



Imagem 18 – Buriti mais História 5ºAno

Quando analisamos as Imagens 16 e 17, observamos a Mulher Negra exercendo o papel de Luta Social, mas ocupando posições diferentes. Na Imagem 16 ela aparece exercendo um papel de Protagonismo onde além de reforçar e auxiliar na luta contra o patriarcado corrobora para o enfrentamento do racismo escolar.

Ao partimos para a análise da Imagem 17, observamos a Mulher Negra participando de um Movimento Social. Porém, a centralidade da Imagem e o papel de locutor está destinado somente ao Homem Branco, deixando-a na periferia da Imagem, exercendo assim uma ausência de diálogo com alteridade.

Compreendemos dessa forma, a ausência da Interculturalidade Crítica, que é uma ferramenta viável e desejável para uma transformação e segundo Walsh é uma prática que:

questiona continuamente a Racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos “outros” – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. (2009, p. 25)

Percebemos a ausência dessa Interculturalidade Crítica, que acarreta em uma manutenção das desigualdades oriundas do patriarcado e da concentração do Poder na ideia do eurocentrismo e do Homem Branco.

Dessa forma, o processo de Patriarcado e a Racialização persistem e possuem reforços por parte das Imagens destacadas nos Livros Didáticos, proporcionando margens para a manutenção da Colonialidade do Ser e do Poder sobre a Mulher Negra.

Quando analisamos a Imagem 18, compreendemos a Mulher Negra em uma posição de Prestígio, além de destaque ao avanço diante da Colonialidade do Poder e do Saber, visualizamos o destaque em um espaço para ser ouvida e afirmar seu poder e seu conhecimento diante da sociedade.

Vemos que neste espaço, a Mulher Negra apresenta avanços diante da sua representação Imagética, ao estar ocupando um papel de prestígio e de poder. Há uma demonstração de que a sociedade está passando por um processo, ainda lento, mas existente, de Decolonialidade.

Seguiremos para a análise da Mulher no espaço da **Cultura**, nessa seção, encontramos somente duas imagens referente a Cultura que tratam sobre a Cultura Africana (Imagem 19) e sobre a Religiosidade. (Imagem 20).



Imagem 19 – Buriti mais História 5ºAno



Imagem 20– Buriti mais História 5ºAno

A Imagem 19, traz um pouco da Cultura do povo Africano, os *griots* são os responsáveis por repassar os Saberes, Cultura e Tradições do seu povo. Ao observamos a Mulher Negra ocupando esse espaço, percebemos um avanço significativo, não somente no espaço proporcionado para compreender sobre a tradição do povo Africano, mas também, por trazê-la como porta-voz da Cultura, dos Saberes e da Tradição de seu povo.

Sendo assim, compreendemos avanços consideráveis no processo de Decolonização por tratar da Cultura do povo Africano dentro do material didático, como assegurado e orientado pela Lei 10.639/2003.

Ao passar nossa análise para a Imagem 20, visualizamos a Cultura representada através da Religiosidade. Regressando para um dos nossos objetivos de pesquisa que é identificar a Mulher Negra nas Imagens, nos deparamos com a mesma em papel periférico deixando a centralidade para o Homem, mantendo assim, questões ligadas ao patriarcado.

Mesmo possuindo resquícios do Patriarcado, podemos compreender que a Educação das Relações Étnico-raciais está avançando, como afirma Batista (2010, p.282) ao citar que, “a uma necessidade de adotar políticas para combater as expressões de racismo nos livros e materiais didáticos”. A inclusão de Imagens das Mulheres Negras e da cultura do povo Africano de uma forma positiva e justa é uma demonstração de avanço quanto à representatividade desse povo, da sua história, da sua cultura e da sua Religiosidade.

A representação Imagética da Religiosidade de Matriz Africana, proporciona avanços quanto ao combate ao preconceito religioso, que está em grande destaque nos debates sociais.

Portanto nessa categoria, percebemos a segurabilidade da Lei 10.639/2003, que trata não só da obrigatoriedade ao ensino da Cultura do povo Africano, mas também da Cultura Afro-brasileira, presente de forma mais incisiva na Religiosidade.

Dando continuidade, observaremos a categoria destinada a Mulher Negra representada no **Cotidiano**. Diante do levantamento feito foram encontradas duas Imagens, mostrando-as em local de fragilidade social.



Imagem 21– Buriti mais Geografia 5ºAno



Imagem 22– Buriti mais Geografia 5ºAno

Ao analisarmos ambas as Imagens (21 e 22), que trazem a Mulher Negra no cotidiano, é notória a representatividade em um espaço de fragilidade social. Na Imagem 21, visualizamos um meio de transporte muito utilizado na antiguidade, transporte esse, sem segurabilidade. Assim, percebemos a centralidade da Imagem destinada a Mulher

Negra, sendo perceptível uma manutenção da ideia eurocêntrica de que a coloca em papel de destaque somente ao tratar-se de espaços de vulnerabilidade.

Na Imagem 22, a Mulher Negra encontra-se em um ambiente com condições de vulnerabilidade socioeconômica, levando a interpretação de que são nesses espaços que encontramos a população negra e, em específico, a Mulher Negra.

Nesta categoria, compreendemos que a sociedade se mantém sobre uma ideia de Eurocentrismo, onde os Livros Didáticos reforçam a Imagem da Mulher Negra em posição de inferioridade, mesmo que de maneira velada.

Por fim, chegamos a última categoria de análises, que é o espaço da Mulher Negra na **Família**. Dentro dessa categoria, destacamos que localizamos somente três imagens relacionadas a família no geral, em ambos os Livros Didáticos, dentre essas, duas fazem referência aos nossos objetivos de pesquisa. Vejamos:



Imagem 23 – Buriti mais História 5ºAno

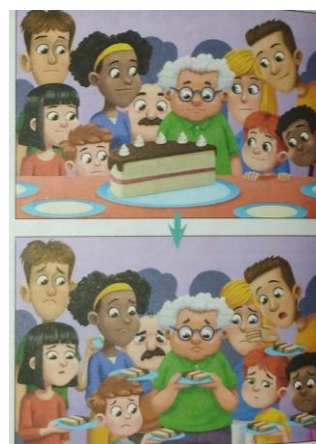


Imagem 24 – Buriti mais Geografia 5ºAno

Na Imagem 23, fica perceptível um descaso quanto a representatividade da Família Negra na atualidade, bem como da representação da Mulher Negra. Entendemos que parecem dois grandes fatores que nos levam a interpretação de um período marcado pelo eurocentrismo que é a representatividade do Homem ao centro e a representação da família somente na antiguidade e em papel de vulnerabilidade.

Observa-se também que, na Imagem 23, a representatividade dar-se-á em um papel de carência e precariedade, retificando uma ideia de pobreza. Frisamos também que traz somente a ideia desta Família no passado, como se estivesse pressa a esse tempo, sendo deixadas a margem da modernidade.

Ao analisarmos a Imagem 24, visualizamos um menor número de membros da família que sejam Negros, em específico a Mulher Negra, que é mantida em um lugar periférico. Dessa forma ocorre uma possível tentativa de embranquecimento da Família, e por tanto, um embranquecimento da sociedade.

Nessa categoria observamos com mais incisão que há, de fato, uma demonstração da Herança de um período de Colonialidade que contribui para a Colonialidade do Poder, onde mantém-se a Mulher Negra em papel de desprestígio.

Observamos assim, um processo de Racialização que não afeta somente a Mulher Negra, mas seu grupo família no geral que, por sua vez, reproduzem um papel de Patriarcado além da demonstração de uma representatividade do eurocentrismo em demonstrabilidade de uma sociedade majoritariamente branca.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho possuiu por objetivo compreender os papéis e locais em que as Mulheres Negras se encontravam nos Livros Didáticos. Em específico o Livro Didático de História e Geografia do Ensino Fundamental, Anos Iniciais da Cidade de Lagoa dos Gatos - PE do PNLD – 2022.

Através das categorias elencadas de: Trabalho, História, Escola, Política, Cultura, Cotidiano e Família foi possível observar que, a Mulher vem assumindo um papel antes de predominância eurocêntrica, no entanto, ainda possui resquícios de um período colonial, patriarcal e escravista presente em sua representação imagética.

Ao observamos a quantidade de Imagens encontradas podemos concluir que, se trata de uma quantidade mínima, ao comparar-se com a quantidade de Imagens que abordam determinados conteúdos nos Livros Didáticos Buriti Mais História e Buriti Mais Geografia, ambos do 5º ano.

Dessa forma compreende-se que o Livro Didático, sendo visto como um documento curricular, ainda se mantém em uma posição de Colonialidade do Ser do Poder e do Saber. Ocorrendo uma redundância e uma minimização das Imagens de Mulheres Negras, reduzindo-as a poucas e ainda subalternizando-as em algumas dessas.

Sendo assim, conclui-se que ainda há um enorme caminho a percorrer ao se tratar de Representação Imagética das Mulheres Negras que fomentem a construção de Identidade empoderada e que deixe de lado o contexto eurocêntrico e patriarcal.

Ao regressarmos ao problema de pesquisa, elencado em nossa discussão, conseguimos visualizar que os impactos da Representação Imagética da Mulher Negra nos Livros Didáticos diante da formação dos sujeitos, são de grande significância, pois reforçam, em determinadas situações, a manutenção de um papel de inferioridade, sempre ocupado pela Mulher Negra.

Portanto, as análises das Imagens indicam que, apesar das reivindicações dos movimentos sociais para implementação e assecuridade da Lei 10.639/2003, o currículo expresso nos Livros Didáticos estão inscritos na tensão entre Colonialidade e Decolonialidade, deixando a mercer a assecuridade da legislação.

Destacamos a relevância de nossa pesquisa diante dessa temática, pois buscamos contruibuir para o processo de Decolonização dos currículos e das práticas que se mantém desde o período de Colonização e Eurocêntrismo.

Considera-se importante destacar que, mesmo diante de dificuldades, a Interculturalidade Crítica está tornando-se presente nos Livros Didáticos, ao trazer a

representação da Cultura, dos costumes , da religiosidade e da participação política da Mulher Negra e da sua vivência na História para além do período escravista.

Porém, não devemos desconsiderar que a Herança Colonial e Patriarcal perdura e enfatiza a Mulher Negra ocupando espaços de pouco prestígio, mantendo somente as Mulheres Brancas e os Homens, deixando marcas da Colonialidade do Ser, do Poder e do Saber e do Patriarcado.

Por fim, destacamos a importância de debruçar nossos olhares sobre os Livros Didáticos que ainda são os maiores recursos pedagógicos de fácil acesso encontrados pelos profissionais da educação. Esses podem ser utilizados tanto para um reforço a Colonização, em destaque a colonização do Poder e do Ser, mas também para um processo de Decolonização.

REFRÊNCIAS

- ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. **Ressignificando a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira na escola**. Artíficos, v. 3, n. 6, p. 01-14, dez., 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. OLIVEIRA, Luiz Fernandes “Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil” **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V.26. nº 01. (p.15-40. abril, 2010).
- CABRAL, Francisco. DÍAZ, Margarida. **Relações de gênero**. In: **Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; FUNDAÇÃO ODEBRECHT**. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.
- FERNANDES, Florestan. Luta de raça e de classes. In: **O significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular; Perseu Abramo, 2017.
- FERREIRA, Michele Guerreiro. MELO, S. F. Posições de sujeitos de Movimentos Negros no Brasil: Problematizando o conceito de “Raça” e a diferença cultural na política curricular Nacional. In: FILHO, José Adilson. **Mosaico da vida contemporânea**. Edição Bilíngue. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. (267-287).
- FREITAS, Bárbara; COSTA, Wanderley Ferreira da; MOTTA, Valéria Rodrigues. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1989.
- LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.
- LOPES, Alice Casimiro. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 109- 118, maio/ago. 2004.
- MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004.

_____. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil: In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005

SANTOS, Aline Renata dos. **Patriarcalização e despatriarcalização nas imagens de mulheres nos livros didáticos da educação do campo do Brasil e da Colômbia**. 2017. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SANTOS, Boaventura Souza. **Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial. E para além de um outro**. In: Conferência da abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de setembro de 2004.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Teorias do Currículo: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 22, mar. 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/022/22/csilva.htm>. Acesso em: 05 jul. 2016.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. **Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**, v. 3, p. 93-105, 1998.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgências político-epstémicas de refundar el Estado. **Revista Tabula Rasa**, n. 9, 2008.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In: **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. CANDAU, V. M. (Org.). Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 12-42.